PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 152 DEZEMBRO/82 - JANEIRO/83 ANO - XVII

NESTE NÚMERO:

AMEAÇA NEOCOLONIALISTA

Aí está o resultado do arbítrio castrense. Com seus planos megalômanos e sua política entreguista e antipopular, os generais levaram o país à falência. Não há subterfúgio capaz de esconder a terrível realidade. Quase cem bilhões de dólares acumulados numa gigantesca dívida externa insolvente que só trouxe benefícios ao capital estrangeiro e a um pequeno grupo de capitalistas brasileiros, em geral associados àquele capital. Enquanto o Brasil se endividava e oferecia amplas facilidades aos investimentos de fora, o povo sofria restrições de toda a ordem, os trabalhadores suportavam o famigerado arrocho salarial. Então os tecnocratas afirmavam que o "bolo" seria melhor distribuído quando chegasse ao ponto máximo de saturação. Em vez, porém, do reembolso do que lhe fora subtraído, o proletariado é agora gratificado com o desemprego em massa, a rebaixa de salários e uma alta espantosa do custo de vida.

A orientação dos generais identifica-se, sem dúvida, com uma política de traição nacional. Um país falido é um país que abdica boa parte de sua soberania e independência. Fica à mercê das imposições de seus credores, tal como sucede com o Brasil atualmente. As exigências descabidas dos banqueiros internacionais que, antes, se faziam nos bastidores, agora, revelam-se às claras e de modo arrogante. Escudados no Fundo Monetário Internacional (FMI), eles ditam as normas de conduta do governo. E este não somente as aceita como subscreve a cínica submissão reclamada pelos senhores do dólar em documentos vergonhosos e capitulacionistas - a chamada Carta de Intenções e o "Memorando Técnico de Entendimento" que a acompanha. Segundo foi aí estabelecido, a economia do país deve girar em torno do eixo do pagamento de dívidas. E o povo, já tão sacrificado, terá de cortar mais ainda na própria carne, trabalhando como servo para acumular divisas destinadas a satisfazer a voracidade dos consórcios financeiros alienígenas.

Os empréstimos e investimentos estrangeiros constituem a melhor arma da política neocolonialista do imperialismo após a II Grande Guerra. Quanto mais dinheiro os grandes monopólios enviam a um determinado país, maior é a dependência deste aos fornecedores dos recursos. É imensa a espoliação de suas riquezas, do trabalho do

seu povo, do produto da sua atividade em todos os terrenos. O afluxo de dólares permite também a associação dos imperialistas com o empresariado nacional e com as empresas estatais que se tornam consumados defensores do capital estrangeiro. Nesse contexto, a dívida externa pode ser considerada como "o negócio da China" do século. O caso brasileiro é uma prova. A nação pagou, e continua pagando, em juros e amortizações, quantia quase idêntica à soma que recebeu do exterior. Apesar disso, é devedora de um valor igual ao que já entregou aos banqueiros das grandes potências. E mais: a dívida aumenta não apenas pelos créditos concedidos, mas também com a simples manipulação das taxas de juros impostas de maneira unilateral pelos credores. Aumento não somente de algumas dezenas de milhões, mas de bilhões de dólares.

O quadro da dependência fica ainda mais sombrio porque sequer procura-se uma solução diferente da que vem sendo seguida. O governo insiste em prosseguir, em marcha forçada, a mesma senda que conduziu à bancarrota financeira. E nem pode ser de outra forma, uma vez que a camarilha dominante e seus cúmplices têm interesses na sustentação de tal política. Mudar o rumo significa contrariar essencialmente toda a concepção que serviu de base aos militares para pôr em prática seu plano ilusório de transformar o Brasil em grande potência, escorado no capital estrangeiro, mantendo o sistema do latifúndio, desenvolvendo e privilegiando grupos monopolistas da burguesia brasileira. Essa insistência impatriótica acarretará consequências extremamente graves não só quanto à situação das grandes massas da população, sujeitas a toda a espécie de dificuldades e carentes dos mínimos recursos a uma vida digna, como também no que se refere à sobrevivência do Brasil na condição de país soberano. Nunca foi maior do que hoje a ameaça de recolonização, em novos moldes, de nossa pátria.

Os destinos do Brasil precisam passar a outras mãos, antes que seja tarde demais. E o passo indispensável e imediato é a liquidação, total e definitiva, do regime militar que impera a dezenove anos. Nenhuma complacência será admissível com semelhante regime que já provou a sua incapacidade de administrar o país, o seu completo desprezo pelos direitos do povo, a sua incompatibilidade profunda com as aspirações nacionais. Regime que não vacilou em apelar para os mais bárbaros métodos de tortura e o assassínio frio dos adversários políticos a fim de silenciar e esmagar o protesto e a revolta dos brasileiros amantes da liberdade, da independência, da justiça social. Seria grave equívoco alimentar ilusões de que os generais estejam interessados em abrir caminhos democráticos. Embora derrotados e cada vez mais odiados, manobram na sombra tentando consolidar o Estado policial, autoritário e antipopular forjado nestes negros anos de reação. E se preparam para continuar no Planalto, depois de janeiro de 1985. É que a orientação econômico-financeira que aplicam, em prejuízo da nação, exige a continuidade da política arbitrária em vigor.

A luta pelos interesses nacionais é inseparável da luta para derrocar o sistema militar vigente. A conciliação é um crime. Cabe aos trabalhadores, ao povo em geral, colocar-se à frente do combate sagrado em defesa dos seus direitos e reivindicações, reclamando trabalho, terra, liberdade e independência nacional. Que os generais deixem a cena política, que se constitua um governo provisório apto a assegurar ampla liberdade política e a convocar uma Assembléia Constituinte, soberana, eleita por todo o povo. Somente assim poder-se-á encontra outro rumo para o país, livrá-lo da catástrofe, permitir o progresso social, garantir sua independência efetiva. ■

continuação da pág. 5

táveis.

É para essas grandes lutas que o nosso povo e os comunistas precisam preparar-se. O Brasil necessita resolver pela base as antigas e inadequadas estruturas em que se apóia, mudar radicalmente a sua fisionomia política e sócio-econômica. Tal mudança somente se efetuará através de choques de envergadura. Se bem que as eleições constituam também um meio de luta, não é, porém, o decisivo. A solução dos problemas nacionais reclama ações conseqüentes das amplas massas, em particular da classe operária e dos camponeses.

Fiéis ao seu programa de luta pela transformação revolucionária da sociedade, os comunistas deverão ligar-se mais estreitamente com as massas, organizá-las e conscientizá-las a fim de cumprir o seu papel de vanguarda nos embates que se aproximam. ■

Janeiro, 1983.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B.)

BALANÇO ELEITORAL DE 15 DE NOVEMBRO

Revestiram-se de grande significação política as eleições de 15 de novembro passado. As manobras do governo no sentido de evitá-las ou conseguir resultados favoráveis ao partido situacionista não surtiram os efeitos planejados. Milhões de eleitores acorreram às urnas e, com o seu voto, condenaram o sistema militar imposto pela força há mais de dezoito anos.

Terminada a campanha eleitoral cabe fazer um balanço do pleito, avaliar seus resultados e conseqüências, indicando a orientação a seguir.

1 Como previramos, confirmou-se amplamente o caráter plebiscitário das eleições. A votação concentrou-se nos dois principais partidos: o oficial (PDS) e o da oposição (PMDB), com exceção do Rio onde predominou o PDT. Figueiredo, que fez tudo para vencer - desde as leis casuísticas e a corrupção mais descarada até sua presença agressiva como cabo eleitoral do PDS no curso da campanha - sofreu esmagadora derrota. Grande e expressiva maioria votou contra o governo e o seu partido. A oposição triunfou por larga margem nos Estados mais importantes, onde residem 70% da população brasileira e onde se produzem 75% do PIB (Produto Interno Bruto). Dos Estados de maior desenvolvimento, o governo somente ganhou no Rio Grande do Sul e assim mesmo o PDS teve votação bem inferior à dos partidos oposicionistas em conjunto. A vitória pedessista deveu-se à dispersão de votos provocada pelo PDT do Sr. Brizola. Em antigos redutos governistas, como a Bahia, Alagoas e Pernambuco, a diferença entre vencedores e vencidos diminuiu bastante. Aí também a oposição conquistou êxitos marcantes, sobretudo nas capitais desses Estados. Não fossem as fraudes comprovadas em vários lugares, a derrota do governo seria ainda maior.

2 Das eleições surge nova disposição de forças políticas. Dez Estados têm agora governadores de oposição; cerca de mil e quinhentas prefeituras (particularmente de cidades grandes e médias) serão dirigidas por prefeitos oposicionistas; a oposição obteve, também, a maioria da Câmara Federal. Melhorou, além disso, a qualidade dos parlamentares eleitos: muitos democratas conseqüentes e elementos progressistas elegeram-se para o Congresso Nacional, Assembléias Legislativas e Câmara de Vereadores. O mesmo sucedeu quanto a prefeitos de vários municípios. Elevou-se igualmente a consciência política de grandes massas que passam a exigir mais decididamente a liberdade e o fim do atual regime. Enquanto isso, além do insucesso governamental, foram destroçadas diversas oligarquias regionais formadas por militares ou por eles sustentadas, como é o caso de Nei Braga, no Paraná, e Jarbas Passarinho, no Pará; e seriamente abaladas facções reacionárias, como as de Otávio Lage, em Goiás; Paulo Maluf, em São Paulo; Antônio Carlos Magalhães, na Bahia.

3 Essa nova disposição de forças políticas, não significa, porém, mudanças essenciais no quadro do atual domínio militar do país. Embora o governo dos generais saia do pleito mais desgastado e desmoralizado, ainda conseguiu manter importantes posições. Persiste em desconhecer a vontade popular e prossegue na orientação de sufocar ou dividir a oposição para continuar reinando. Utilizando a excessiva centralização do poder que, na prática, liquidou a Federação, traça planos destinados a submeter os governantes dos Estados em que o PDS foi batido. Ao mesmo tempo, o ministro do Exército e o general de plantão no Palácio do Planalto anunciam arrogantemente não abrir mão do poder central em 1985, quando pretendem eleger indiretamente, num Colégio Eleitoral viciado e sem autoridade, o novo presidente da República para outro período de seis anos. Segundo eles, esse cargo só poderá ser ocupado por quem contar com o"respaldo do movimento (golpista) de 1964". O sistema continua perseguindo patriotas e democratas. Jornalistas, padres, deputados, operários, posseiros, líderes políticos são enquadrados na Lei de Segurança e punidos por tribunais castrenses. O ministro da Justiça manda apreender livros legalmente editados e abre processo de expulsão contra estrangeiros que já residiam no Brasil há muitos anos. A Polícia Federal dissolve reuniões, prende aparatosamente pessoas que debatem temas políticos. E o que é mais grave: os generais insistem na política econômico-financeira de

traição nacional. Recorrem ao Fundo Monetário (FMI) que passou a ditar as normas de atuação do governo brasileiro nos campos financeiro, monetário, econômico, social e do comércio exterior. O Brasil encontra-se praticamente falido e a perspectiva que se desenha para os próximos anos é de brutal agravamento das condições de vida da população e de maior dependência do país ao capital estrangeiro.

4 O resultado principal das eleições de 15 de novembro foi, sem dúvida, a derrota do governo. Este fato tem relevância no combate que se trava contra o regime militar, em prol da liberdade e de novos rumos para o país. Atingiu seriamente o campo inimigo, fortaleceu o espírito de luta das massas. Foi mais uma batalha, entre as muitas já levadas a cabo, contra a opressão. Com a derrota do governo, o povo brasileiro conquistou novas armas para continuar avançando no caminho de sua libertação. A vida demonstrou, uma vez mais, que o grande inimigo do nosso povo na atualidade, aquele que vende a pátria e causa tão imensas dificuldades à população, é o regime militar - a oligarquia que se foi formando no curso destes últimos dezoito anos, tendo como núcleo as Forças Armadas e como seu representante no governo, o general Figueiredo. Esta oligarquia reluta em ceder as posições de mando. Enfraquecida com as eleições, manobra no sentido de atrair à sua órbita setores oposicionistas, alardeando a necessidade de uma união nacional, reacionária e contrária aos verdadeiros interesses da nação, para enfrentar a crise que o Brasil se debate, oriunda precisamente da política antidemocrática e entreguista até aqui seguida. Seu objetivo maior é consolidar o Estado autoritário, retrógrado e policial, tecido fio por fio durante estes longos anos de ditadura, permanentemente voltado contra as aspirações populares, contra o progresso social, contra a marcha da sociedade brasileira em direção a um futuro melhor. Essa oligarquia, baseada na força, tem de ser alijada do poder também pela força, por um poderoso e combativo movimento de massas.

5 As eleições de 15 de novembro revelam ainda as limitações da oposição de setores das classes dominantes no combate ao sistema arbitrário em vigor. É inegável que essa oposição quer a mudança desse sistema, defende certas liberdades e uma nova Constituição. Não é homogênea: dentro dela disputam fortes interesses regionais. Para conseguir seus fins, nos quais se inclui o poder, aproxima-se do povo, favorece de algum modo a organização das massas e as lutas populares. Mas é inconseqüente, tende à conciliação. Freqüentemente, nessa área, ouvem-se elogios a Figueiredo que teria dado grandes contribuições políticas ao realizar as eleições e que conseguira assim reforçar sua autoridade como chefe de Estado. Governadores oposicionistas, maciçamente votados por se apresentarem como oposição ao governo, fazem declarações vacilantes e até comprometedoras. Sem acreditar na força do povo, voltam-se para soluções de compromisso, embora isto não signifique desistência de seus propósitos. Buscando alcançar o poder a nível nacional, não poderão evitar as divergências e atritos com o governo dos generais, devido particularmente à aproximação da sucessão presidencial.

6 Mais do que nunca faz-se necessário levar a termo uma oposição firme e decidida contra o regime militar, não dar trégua às maquinações do planalto. Esta a tarefa principal das forças populares e democráticas que, estimuladas pela vitória eleitoral e diante da gravidade da situação do país, assolado por tremenda crise, têm o dever de impulsionar as lutas em todos os terrenos, recorrendo às mais variadas formas de ação. A destruição do regime atual e a conquista de efetivas liberdades, bem assim a convocação de uma Assembléia Constituinte livre e soberana, dependem fundamentalmente do movimento de massas, da ação conjugada das forças populares e democráticas, do reforçamento da unidade popular, com base na classe operária. Esse movimento joga também papel importante na paralisação ou na neutralização das tendências conciliatórias que se manifestarão no seio da frente-única.

Politicamente coloca-se diante do povo brasileiro a tarefa de lutar por eleições diretas para a presidência da República, para as Prefeituras das capitais dos Estados e dos Municípios chamados de áreas de segurança nacional. Não se deve permitir a aprovação do projeto do governo instituindo o voto distrital, que anula na prática a representaçao popular nos órgãos legislativos. É preciso exigir firmemente a revogação da Lei de Segurança - revogação com a qual se comprometeram nas eleições representantes de quase todos os partidos - bem como das leis antigreve e de imprensa; denunciar a capitulação do governo ao FMI e protestar contra a política econômico-social do Planalto; reclamar o exercício das liberdades públicas, inclusive com a legalização do Partido Comunista do Brasil. A reconquista das prerrogativas do Congresso subtraídas pela ditadura, a reforma tributária, contemplando melhor distribuição de recursos aos Estados e Municípios e a garantia da autonomia estadual são reivin-

dicações sentidas dignas de apoio.

7 Os comunistas participaram amplamente da campanha eleitoral. Defenderam a posição unitária de somar votos numa única legenda para derrotar o PDS. Atuaram em ampla frente-única, apoiando os candidatos majoritários da oposição e, ao mesmo tempo, os elementos progressistas e mais avançados que concorriam aos diferentes postos legislativos. Foi altamente positiva sua participação na campanha eleitoral. A voz dos comunistas se fez ouvir em todo o país, denunciando o regime militar, combatendo as arbitrariedades, pugnando pelos interesses dos trabalhadores e do povo, opondo-se à dispersão de votos o que, em geral, favoreceria o partido governista. Durante a campanha, os comunistas romperam em boa parte a estreiteza política, trabalharam junto às massas e realizaram frutífera atividade. Ampliaram suas ligações com o proletariado e os setores populares, aproximaram-se de muitos aliados. Os resultados eleitorais assinalaram êxitos consideráveis dos comunistas, cuja influência, autoridade e prestígio cresceram no cenário nacional. É indiscutível que a vitória da oposição foi também uma vitória sua, da orientação que defendiam, dos objetivos que visavam.

8 Os comunistas indicaram ao povo, na campanha eleitoral, os candidatos do PMDB às governanças estaduais. Ao fazê-lo, tinham em vista fortalecer a frente-única contra o governo de Figueiredo e o seu partido, o PDS, procurando ao mesmo tempo alcançar nova correlação de forças no país. Em certa medida, tais metas foram atingidas. Cabe agora, ao iniciar-se a gestão dos candidatos eleitos, fixar nossa posição frente a esses governadores.

Partimos do ponto de vista de que a luta contra o atual regime continua, exigindo a ampliação e o fortalecimento da frente oposicionista. Os comunistas atuarão nesse sentido. Não têm dúvida de que os governadores, como homens das classes dominantes, inclinam-se à moderação e a desviar as massas do caminho da luta decidida. Todavia, foram eleitos pelo povo e se comprometeram a realizar uma administração democrática. Já não são delegados do governo federal, impostos arbitrariamente, como sucedia até agora. Dependeram do voto do povo e precisam do seu apoio para administrar o Estado em meio às pressões de Brasília e às grandes dificuldades por que passa o país. Necessitam ainda desse apoio, tendo em conta a luta pelo poder central. O povo deverá exigir o cumprimento das promessas feitas, sem se subordinar à política que venha a ser adotada pelos governadores, repudiando orientações vacilantes, paternalistas ou que tudo justificam com a crise e o descalabro em que os antigos governantes deixaram o Estado. É necessário reclamar efetiva oposição ao regime e aproveitar a situação para reforçar as organizações de massa e levar até o fim o processo democrático de maneira conseqüente.

Os comunistas são favoráveis à manutençaõ e ampliação da frente-única que se foi formando no curso da campanha eleitoral, incluindo os governadores oposicionistas eleitos. Terão, porém, posição crítica e independente face a esses governadores. Não se comprometem politicamente com eles, nem alimentam ilusões de que possam resolver os graves problemas que afetam os diferentes Estados e o país. Apoiarão as posições e os atos democráticos que venham a assumir, ao mesmo tempo que submeterão à crítica suas atitudes incorretas, organizando inclusive movimentos de protesto frente a decisões contrárias ao povo. Os comunistas pugnarão por obter de tais governos as reivindicações populares, pleiteando até mesmo postos administrativos de contato direto com as massas, cargos a serem ocupados por pessoas integradas com a população local e merecedoras da sua confiança a fim de encaminhar junto às autoridades competentes a solução de suas exigências.

Quanto às organizações de massas, os comunistas defenderão o seu caráter independente, procurarão evitar que se transformem em apêndices do aparelho do Estado ou instrumentos de demagogos e oportunistas. Essas organizações deverão tomar a iniciativa, encabeçar a luta pelos direitos e reclamos da população, converter-se em centros ativos de aglutinação das massas. Nelas atuando, os comunistas contribuirão para educar politicamente o povo, desenvolver o espírito combativo e forjar a unidade popular.

9 Onde os governantes pertençam ao PDS, os comunistas manter-se-ão em oposição aberta, desmascarando diante de fatos concretos a política reacionária que eles representam, sobretudo no que diz respeito à sua vinculação com o regime militar. Ajudando as massas que neles votaram a fazer sua própria experiência, os comunistas organizarão a luta popular pelos interesses do povo, confrontando os atos dos governadores com as promessas que fizeram na campanha eleitoral.

10 Grandes lutas se prenunciam no país. A forte recessão econômica, o entreguismo desbragado e a submissão vergonhosa ao capital estrangeiro, o desemprego, a carestia, a falta de liberdades indicam a total falência do regime, gerando enorme descontentamento no seio do povo. A crise política e as comoções sociais serão inevi

continua na pág. 2

AVANÇA O CONGRESSO DO PARTIDO

Prosseguem os debates em torno do Congresso do Partido. Muitas são as opiniões já publicadas e inúmeras as observações e destaques feitos nas reuniões partidárias.

Nestes debates vai-se configurando a crescente unidade de pensamento e de ação dos comunistas brasileiros. As teses, bem como a política geral do Partido, têm encontrado forte apoio nas bases e entre os militantes em todo o país. Elas correspondem à realidade e às necessidades do movimento revolucionário proletário. Sua aplicação consciensiosa e metódica produz excelentes resultados. A última batalha eleitoral confirma esta verdade.

Também os debates salientam as deficiências do nosso trabalho e as falhas que ocorrem. É inegável que o Partido ainda não responde plenamente à exigência histórica de implantar-se no seio da classe operária de forma permanente e aprofundada. Se bem que esta tarefa registre alguns êxitos, são ainda insuficientes. Igualmente entre as massas camponesas há debilidades sérias. São poucos os quadros e organizações que se dedicam a essa atividade de grande importância estratégica, relacionada com as forças motrizes da revolução.

A crítica e a autocrítica desenvolvem-se. Criticam-se os erros e os métodos errôneos de direção que entravam o avanço da militância coletiva e criam estados de ânimo pessimistas. Ainda que a autocrítica seja tímida em muitos casos, a verdade é que onde aparece constata-se em seguida nítido avanço no trabalho. Reconhecer os erros não diminui ninguém; ao contrário, põe em evidência a sinceridade do comunista.

O Congresso vai salientando a necessidade de voltar o centro de gravidade da atuação do Partido para as organizações de base. Quanto mais elas se multiplicam e tomam consciência da sua função, mais segura é a construção partidária e maiores os êxitos na aplicação da linha política. Precisamente a estruturação do Partido do proletariado em organizações de base (células) é um dos principais traços que o distingue dos partidos social-democratas, cujo objetivo é o reformismo e o eleitoralismo burguês. A célula é o núcleo aglutinador e mobilizador das massas nos locais onde atua, o vínculo que liga o Partido com os trabalhadores e os amplos setores populares. Cuidar da célula, ajudá-la em todos os sentidos a desenvolver-se, é tarefa de primeiro plano dos órgãos dirigentes em todos os níveis.

As assembléias de base e outros organismos partidários elegeram seus dirigentes locais. É muito sadia e positiva esta prática. Dirigentes eleitos são mais respeitados e acatados pelo coletivo, sentem-se também mais responsáveis na condução do trabalho do Partido. Certamente, os dirigentes, e sobretudo os novos dirigentes, necessitam de apoio para a sua formação, ao mesmo tempo que precisam dedicar-se ao estudo do marxismo-leninismo a fim de alargar sua visão política e poder assimilar e generalizar as experiências do movimento operário e revolucionário. O Partido tem necessidade de quadros, de muitos quadros, homens e mulheres que passaram pela escola da prática, da atuação junto às massas, que se tornaram conhecidos dos trabalhadores e queridos por eles.

Vai assim, o Congresso do Partido, passo a passo, realizando suas tarefas que não podem ser vistas como produto de um único ato, mas resultado do esforço comum, de baixo para cima, corporificado em suas resoluções e documentos básicos. Não sabemos ainda quando esse processo terminará. Não temos pressa. O importante é que preencha cabalmente suas finalidades, que reforce o Partido e abra perspectivas de vitórias.

O Congresso se realiza em condições de clandestinidade e, por isso, nem sempre se pode desenvolver tanto quanto se deseja a democracia interna. Mas este será sempre o nosso propósito. Chegará o dia em que o PC do Brasil demostrará, em Congresso aberto e sem a coerção do inimigo de classe, toda a sua potencialidade democrática como organização de vanguarda e revolucionária do proletariado consciente.

Liquidar o regime militar, única saída para a crise

O quadro da crise econômico-financeira, que se agrava com o passar dos dias, ganhou novos contornos e tornou-se mais evidente nas últimas semanas, com a divulgação dos índices sobre a inflação em ascenso, que em 1982 somou 99,7%. Estes índices dissipam toda a nuvem da demagogia e das mentiras do governo e, por si sós, denunciam a caótica situação em que o país se encontra. Revelam a bancarrota a que a política dos generais está conduzindo o país, com sério prejuízo para a grande massa de assalariados. Inexoravelmente, marcha-se rumo a profundo abismo, a persistir a famigerada orientação econômico- financeira do Planalto.

A realimentação do processo inflacionário vem criando grande celeuma. Vozes procedentes dos meios empresariais do grande capital monopolista nacional e dos círculos do capital-financeiro imperialista fazem-se ouvir exigindo explicações do governo e propondo soluções à sua maneira. Bradam contra as reivindicações e conquistas salariais dos trabalhadores, como se fossem estas o fator inflacionário, e procuram forçar um arrocho maior com a extinção dos reajustes semestrais e a supressão dos 10% sobre o INPC.

No debate sobre os rumos da crise econômica e especificamente sobre as formas de "combate" à inflação, do qual estão marginalizados os setores mais representativos da Nação, o regime militar e seus tecnocratas procuram colocá-la perante um falso dilema, argüindo : " ou incrementa-se o desenvolvimento econômico e industrial, ou contém-se a inflação via política recessionista"; " ou o governo constrói obras públicas e assegura o progresso econômico-social do país ou freia a inflação promovendo cortes dos gastos públicos"; "ou aumentamos os salários, ou controlamos os preços". Tentando escamotear o fracasso de sua política, repetem esta cantilena sempre que a inflação está em curva ascendente para abrir espaço às propostas de "aperto dos cintos" e "repartição dos sacrifícios", e justificar os salários de fome, o desemprego em massa, o atraso do país e a trágica situação social. Seguindo o dogma da cartilha monetarista ensinada pelo FMI, concluem que não podem haver salários dignos, pleno emprego, aproveitamento racional das capacidades produtivas e verdadeiro desenvolvimento econômico-social, sem altas taxas de inflação. Nada mais enganoso. Prova disso é que, malgrado algumas conquistas parciais dos trabalhadores, via de regra os salários não se recompõem no seu valor real, a economia mantém-se estagnada e a crise social é de vastas proporções. Contudo, a inflação dispara.

Fenômeno complexo e sujeito à ação de leis econômicas determinadas, a inflação não pode ser tratada casuìsticamente, como mal meramente transitório ou uma calamidade de qualquer a ser debelada por medidas de emergência, muito menos as de acentuado cunho antipopular, provindas de um regime em bancarrota e dos representantes e beneficiários da caduca ordem econômica que a gera e alimenta. É problema crônico e insolúvel nos marcos do sistema capitalista, uma das categorias econômicas próprias desse modo de produção. Na fase de sua putrefação e parasitismo - o imperialismo - avulta ainda mais, por força da atuação dos monopólios que impõem a "lei da selva" na economia. No Brasil tornou-se incontrolável em razão da estrutura econômica e do modelo de desenvolvimento do país - capitalista dependente e latifundiário - e como conseqüência inevitável da política eminentemente antipopular e antinacional posta em prática pelos generais entreguistas desde que assaltaram o poder em 1964, política esta baseada no reforço do monopólio da terra, na concentração da produção e do capital nas mãos de um punhado de poderosos grupos econômico-financeiros, na abertura de portas ao capital estrangeiro, no direcionamento da produção ao mercado externo e no endividamento crescente.

Por força dessa política, a nação se vê hoje constrangida a consumir suas riquezas e a energia do seu povo para remeter bens produzidos e fabulosas quantias em dólares para o exterior, a fim de cobrir continuados déficits e pagar as amortizações e juros de uma dívida que cresce irreversìvelmente, tendo já comprometido e lesado seriamente a soberania do país. Esta desenfreada sangria de divisas e este permanente atrelamento da economia do país ao mercado externo atuam como fatores de primeira ordem entre os que alimentam a inflação. A par disso, a espetacular dívida interna do governo, fator também altamente inflacionário, hoje calculada em 5 trilhões de cruzeiros, responsável pelo incremento da emissão de papel-moeda, vincula-se com os polpudos subsídios para favorecer os gran-

des grupos econômicos, principalmente os latifundiários-exportadores, e com as volumosas despesas governamentais para a construção de obras faraônicas, inúteis ao desenvolvimento nacional, mas sempre benvindas ao capital estrangeiro. Portanto, também nesse particular, evidencia-se a estreita relação existente entre a dependência e as altas taxas de inflação no Brasil. Nesse quadro, na medida em que acarretam largos rombos no orçamento do Estado, também pressionam para cima a espiral inflacionária, a pesada máquina burocrática do Estado, a desbragada corrupção política e administrativa, os vultosos gastos com dinheiro público para os objetivos eleitorais do PDS e a aplicação dos planos megalomaniacos de grande potência dos militares brasileiros, hoje empenhados na produção armamentista.

Diante de tão desastrosa política, o povo brasileiro, os verdadeiros democratas e patriotas, que almejam o autêntico desenvolvimento da nação, e em especial a classe operária, sobre quem recaem as pesadas consequências da crise, já não crêem nas falsas explicações palacianas, nas eternas promessas do governo, nem nas trocas de cavalos da sua carruagem. Não estão dispostos, muito menos, a cair nas armadilhas de pactos urdidos às suas costas pela grande burguesia monopolista e pelo imperialismo, sequiosos de maiores lucros à custa da selvagem exploração do seu trabalho e do suplício de toda a nação. Exigem mudanças, mas de caráter profundo, que substituam por completo a obsoleta estrutura econômica vigente por outra consonante com o progresso social. E se conscientizam, mais rapidamente do que muitos pensam, de que a solução é antes de tudo política e tem como passo imediato decisivo a derrubada do regime militar, sustentáculo político do latifúndio, dos grupos monopolistas nativos e do imperialismo.

É preciso ter claro que a gravidade do momento não comporta ilusões paralisantes nem meias medidas. A resposta mais eficaz que pode dar o povo ao agravamento da situação do país e às manobras para fazer com que pague o ônus da crise é a intensificação de suas lutas em todos os níveis, até levar de vencida por completo a ditadura militar e revogar sua política antinacional e antipopular.■

---

continuação da pág. 10

mento às atuais gerações na luta que encetam pela completa construção do socialismo. Sete décadas após a grande façanha dos patriotas em Vlora, o povo albanês encontra-se mais altaneiro do que nunca, desfrutando da plena liberdade e da verdadeira independência nacional, afinal conquistadas com o triunfo da Revolução Popular dirigida pelo Partido Comunista, hoje Partido do Trabalho da Albânia. Graças à incólume política marxista-leninista, de princípios, levada a cabo pelo Partido do Trabalho da Albânia, tendo à frente o seu provado dirigente, camarada Enver Hoxha, a Albânia mantém íntegra a sua independência e soberania. Apesar da forte pressão exercida pelo cerco imperialista-revisionista, o governo albanês não admite ingerências nos seus assuntos internos, adota posição própria nos fóruns internacionais onde faz ouvir sua voz e não está atrelado a nenhum bloco, tratado ou aliança político-militar. Malgrado as nuvens negras da crise econômico-financeira internacional que descarregam fortes tempestades em todas as nações, grandes ou pequenas, seu povo constrói uma poderosa e multifacética economia, inteiramente baseado nas próprias forças, sem nada dever a ninguém e assegurando uma constante e segura elevação do bem-estar material e espiritual. Florescem de igual modo na Pátria do socialismo a cultura e o idioma, permanentes fatores da unidade nacional e da resistência do povo face às tentativas de assimilação e colonização por parte das potências imperialistas.

Nesse sentido, rememorar os grandes feitos dos patriotas albaneses, constitui também para os povos de todo o mundo um fator de inspiração e educação na luta que travam contra o imperialismo e a reação, pela democracia e pela independência nacional.■

O 10º aniversário da morte de autênticos revolucionários

Faz dez anos, em fins de dezembro de 1982, que foram assassinados na prisão os valorosos e sempre lembrados camaradas Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini. Alguns meses depois morria da mesma forma Lincoln Bicalho Roque. Quatro grandes revolucionários proletários, homens de vanguarda em todos os sentidos, fiéis até a morte ao seu Partido e à invencível causa da liberdade e do socialismo.

Naquela ocasião, desesperado com a resistência do nosso povo e com a luta gloriosa do Araguaia, o fascismo revelava toda a sua hediondez, recorria a métodos selvagens de repressão. Já havia matado friamente muitos revolucionários, democratas e patriotas, mas nesse ano e nos que lhe sucederam excedia-se em inomináveis violências. Milhares de brasileiros viviam perseguidos, a tortura tornara-se sistemática, repetiam-se os assassinatos de adversários políticos nas dependências da Polícia e das Forças Armadas que comandavam as bestas fascistas. E tudo isto, afinal, para abrir espaço à dominação do capital estrangeiro em nossa pátria, estender e consolidar o latifúndio e proteger os grupos monopolistas da grande burguesia que floresciam à custa dos sofrimentos do povo e da feroz exploração da classe operária.

Os militares pensavam que com a ditadura e o terror haviam silenciado o povo. Mas as trincheiras da luta pela liberdade e independência nacional, contra o regime dos generais, mantinham-se ativas, não capitulavam. Sustentavam combate desigual, heróico, sem dar tréguas aos algozes fardados que falavam em permanecer nas posições de mando até o ano 2.000. Nessas trincheiras, em que se revezavam homens e mulheres corajosos, os comunistas ocupavam postos avançados. Precisamente aí se encontravam, quando caíram nas mãos do inimigo, os nossos queridos camaradas Danielli, Oest, Guilhardini e Bicalho.

Caíram sem se render. E nos cárceres do Rio e de São Paulo continuaram a luta. Agigantaram-se perante a história, portando-se com inexcedível bravura diante dos carrascos. Não vacilaram um momento sequer, não fizeram nenhuma concessão. Quanto mais seus corpos eram castigados pela tortura impiedosa e pelo incessante espancamento, mais forças encontravam em suas consciências comunistas para resistir até o fim. Sabiam que iam morrer, seus nomes constavam há muito das listas preparadas pelos esbirros da reação com propósitos sinistros. Entre um e outro momento do martírio despediam-se, em pensamento, dos seus camaradas e entes queridos, e anteviam o dia da vitória que chegaria inevitavelmente. Honraram o título que ostentavam com orgulho - o título de combatentes da classe operária, de militantes da organização de vanguarda do proletariado, o Partido Comunista do Brasil

Aí estão os resultados desse negro período da vida nacional, das quase duas décadas de domínio militar - crise, submissão ao imperialismo, tremendos desajustes econômicos e sociais, fome e desespero entre a população sem recursos, desemprego em massa. O regime faliu, o fascismo não conseguiu vingar, nem durar indefinidamente, se bem que perdure o autoritarismo, o arbítrio descarado. A derrota dos generais, assassinos e vende-pátria, vai-se acentuando. Não tardará muito o momento de sua queda. E essa derrota é fruto da resistência abnegada da gente brasileira. Nessa resistência há marcos e nomes gloriosos. 1972 é um desses marcos; Danielli, Oest, Guilhardini e Bicalho alguns dos nomes que ficarão gravados para sempre na memória da pátria.

Ao recordar nesse 10º aniversário o sacrifício de suas vidas, apontamos a grandeza do seu exemplo, na atividade partidária e na prisão, como um roteiro seguro para todos os que almejam transformar-se em verdadeiros comunistas, em servidores do povo e do proletariado no combate pelos nobres ideais do socialismo, pela edificação de uma nova sociedade livre da exploração, dos generais fascistas, da dominação imperialista, da miséria e das gritantes injustiças sociais. A causa pela qual morreram Danielli, Oest, Guilhardini e Bicalho é imortal. A bandeira de luta empunhada pelos que tombam passa adiante, outras mãos seguram-na firmemente até a vitória final.

Glória a Danielli, Oest, Guilhardini e Bicalho!

Um Grande Acontecimento da História do Povo Albanês

Transcorreu a 28 de novembro último o 70º aniversário da proclamação da independência da Albânia, comemorada com imenso júbilo por todo o povo albanês.

Glorioso pelas vitórias alcançadas, pela epopéia que o povo em armas descreveu nos campos de batalha, pela firmeza e tenacidade dos seus chefes, dentre os quais avultam os irmãos Frasheri, Ismail Qemal, Isa Boletini, Bajram Curri, Themistocles Gjermenji, Hasan Prishtina e M.Zajmi, o movimento emancipacionista albanês foi um dos mais assinalados eventos da história do "país das águias" e uma das mais belas páginas escritas na multissecular trajetória do seu povo desde tempos imemoriais.

O hasteamento do pavilhão nacional e a proclamação da independência na cidade de Vlora representaram a quebra dos grilhões que jungiam o povo e a nação albanesa ao império dos sultães otomanos. Essa elevada conquista foi resultado de inúmeras contendas que se prolongaram durante anos e anos. Já no século XV, sob a égide de Gjergji Kastrioti Skanderbeu, herói nacional, o povo albanês sustentou, por 25 anos consecutivos, heróica resistência a numerosas hordas otomanas. Posteriormente, em meados do século XIX deflagrou-se no país e na emigração albanesa importante movimento, conhecido como RENASCIMENTO ALBANÊS, que empolgou toda a nação erguendo a bandeira da autonomia e lutando pela defesa da cultura nacional e da língua-pátria. Anos depois, em 1878, era criada a Liga Albanesa de Prizren, organização que chamou a si a tarefa de unir o povo na luta pela independência e pela integridade territorial do país, ameaçado de desmembramento. Mas, seria nos anos de 1910, 1911 e 1912, quando o Império Otomano entrava em processo de franca desagregação e eraiminente uma conflagração bélica na Península Balcânica, que o movimento pela independência alcançaria seu apogeu. Naqueles anos, o povo levantou-se em armas em vários pontos do país, levando as autoridades turcas ao impasse. Em abril de 1912, com a sublevação dos albaneses em Gjakova, iniciava-se a insurreição geral e uma vasta revolução nacional na Albânia. Assim, a proclamação da independência albanesa foi fruto de lutas várias, armadas e não armadas, na frente militar e nos terrenos cultural e diplomático, onde pontificaram o heroísmo dos combatentes e a perspicácia política, o fuzil e a pena.

O corajoso ato dos patriotas albaneses de 28 de novembro de 1912 pôs fim a uma era de mais de 4 séculos de dominação nacional exercida na Albânia pelo Império Otomano, um dos mais agressivos, retrógrados e obscurantistas que o mundo já conheceu. Integrada ao sistema feudal do Império, a Albânia vivia em profundo atraso econômico e social. Seu povo, duramente espoliado e vivendo em abominável miséria, trabalhava arduamente para pagar extorsivos impostos à "Sublime Porta". Politicamente, imperava o terror. Qualquer manifestação de cunho nativista era brutalmente esmagada, os direitos nacionais peremptoriamente negados. A difusão da língua autóctone era vetada e as instituições de ensino, monopolizadas pelos cléricos muçulmanos e católicos romanos e ortodoxos, ministravam aulas em árabe, latim ou grego.

Desse modo, a proclamação da independência, ao propiciar a criação do primeiro Estado Nacional albanês, representou uma conquista de dimensões históricas. Mas era tão somente um primeiro passo, a fim de colocar a Albânia na trilha do progresso e da soberania, posto que tenebrosas forças reacionárias internas e externas agiam contra a novel nação e se opunham tenazmente à sua autêntica emancipação. À altura do ano de 1912, a Albânia era um país essencialmente agrário, onde predominava o latifúndio. Os "Beys" e "Agás" (grandes proprietários de terras) temiam que o governo provisório encabeçado por Ismail Qemal realizasse reformas sociais de peso, notadamente a reforma agrária.Por outro lado, o desmembramento do Império Otomano e as disputas interimperialistas nos Balcãs às vésperas da primeira Grande Guerra, estimulavam a cobiça do território albanês pela Grécia, Itália, Áustria-Hungria e pelos círculos chauvinistas vizinhos da Sérvia e de Montenegro. Isto determinou que, da proclamação da independência nacional até o início da luta antifascista de libertação nacional em 1939, a história da Albânia fosse marcada por invasões territoriais, golpes de Estado e também por profundos movimentos de caráter democrático e popular, como foi a revolução democrática de 1924, encabeçada pelo patriota albanês Fan Noli.

O brado de LIBERDADE OU MORTE dos intrépidos combatentes da independência ainda hoje ecoa na Albânia, como um vigoroso chama-

continua na pág 8

esmagada a incursão armada em território albanês

Mensagem de congratulações do
Partido Comunista do Brasil ao
Partido do Trabalho da Albânia

Ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia
Ao camarada Enver Hoxha

Queridos camaradas

Recebam nossas congratulações pelo rápido e eficiente aniquilamento do bando de mercenários que tentou uma incursão armada no território albanês no dia 25 de setembro próximo passado.

Esse bando de malfeitores, foragido da Albânia após a gloriosa revolução libertadora, não passa de instrumento da reação e do imperialismo que observam com preocupação o avanço da nação albanesa em todos os sentidos, sob a direção da classe operária. A realização vitoriosa do novo Plano Quinquenal que levará o país a um estágio mais elevado do seu desenvolvimento põe em desespero os seus mais ferrenhos adversários. Eles não vacilam em pôr em prática atos criminosos como o de 25 de setembro, condenados de antemão à completa derrota, na esperança de abalar o sistema socialista aí dominante.

Porém, não há força capaz de abalar o regime revolucionário na Albânia, estruturado à base do marxismo-leninismo, aplicado corretamente por seus partidários destacados, entre os quais o camarada Enver Hoxha, grande e provado combatente da causa invencível da revolução proletária.

A Albânia, dirigida pelo PTA, ao mesmo tempo que trabalha e progride, mantém-se vigilante ante as arremetidas dos inimigos mortais do comunismo. E conta seguramente com o apoio decidido dos trabalhadores e dos povos de toda a parte.

Expressamos aqui, uma vez mais, a afirmação do nosso apoio ao heróico povo albanês que edifica uma nova sociedade e serve de exemplo a todos os trabalhadores e pessoas progressistas do mundo.

Fraternais saudações,

O COMITÊ CENTRAL DO PC DO BRASIL

15. outubro. 1982

solidariedade internacionalista com os m-l portugueses

Ao Comitê Central do Partido Comunista (Reconstruído) de Portugal
Prezados camaradas

Tomamos conhecimento, pelo Comunicado do Comitê Executivo do C.C., publicado em "Bandeira Vermelha", do surto fracionista que se manifestou no seio do Partido Comunista (R) de Portugal. Lemos também alguns documentos nos quais os cisionistas expõem suas concepções e propósitos. Permitam-nos expressar aqui a nossa firme solidariedade internacionalista à maioria do Comitê Central e a todos os camaradas que defendem a unidade do Partido; e exprimir simultaneamente enérgica condenação e repúdio à atividade do grupo que tenta desagregar as fileiras da verdadeira organização de vanguarda do proletariado português.

Não é a primeira investida que sofre nesse terreno o PC(R). Já às vésperas do seu 3º Congresso, elementos arrivistas intentaram arrastar o Partido para posições de direita. Sentindo que não o conseguiriam descambaram para o fracionismo sendo expulsos do Partido. Fora da organização partidária juntaram-se aos inimigos da classe operária e do seu partido revolucionário, evidenciando sua deserção da causa do socialismo.

Agora aparece outro movimento fracionista, com as mesmas marcas do anterior, obra da pressão ideológica da burguesia sobre os militantes inseguros, em geral de origem pequeno-burguesa, que ingressam no Partido pensando numa vitória fácil, em êxitos crescentes e sem dificuldades. Esse tipo de militante jamais assimilou a ideologia do proletariado, seus métodos de luta, a natureza da sua estrutura partidária. Jamais compreendeu que a luta pelo socialismo é uma batalha de classe, dura e complexa, sujeita a avanços e recuos, exigindo espírito de sacrifício e perseverança no combate muitas vezes de larga duração. Tais elementos vacilantes são companheiros de viagem que abandonam o barco da revolução quando os ventos sopram desfavoravelmente.

Nenhum argumento justifica a cisão. O PC(R) é um partido que se mantém dentro dos princípios revolucionários da classe operária. Pode ter cometido erros, inevitáveis sobretudo num partido em processo de consolidação. A luta para corrigi-los se trava no conjunto do Partido, preservando a sua unidade e buscando as verdadeiras soluções não na organização de grupos e frações, mas na crítica construtiva, no esforço coletivo pela correta interpretação e aplicação do marxismo-leninismo. Quem se levanta contra a unidade do Partido orientado pelo marxismo-leninismo, serve objetivamente aos inimigos da revolução e do socialismo. Não tem futuro: acomoda-se ou vai militar nas hostes sem perspectiva da pequena burguesia, quando não da burguesia liberal.

Vivemos período de intensa luta ideológica. Um dos principais aspectos dessa luta é a defesa da concepção leninista de partido, que tem como alicerce básico a disciplina férrea e a unidade de pensamento e de ação. Aqueles que se opõem a tal concepção propagam idéias liberais, querem um partido social-democrata sem condições de dirigir a revolução. O Partido não é um clube de debates intermináveis, de eternas especulações abstratas. Nele não se admite, sob qualquer pretexto, a criação de grupos e frações, a propaganda de opiniões estranhas ao proletariado, nem a livre circulação de plataformas de tendências organizadas. Nele há ampla democracia interna, que não pode ser confundida com o liberalismo burguês. A crítica e a autocrítica são necessárias, constituem princípios fundamentais da organização, exercidas porém no sentido de fortalecer e não de enfraquecer ou desviar do seu justo rumo o Partido da classe operária.

Na atualidade, em toda a parte, os fracionistas invocam Lênin na tentativa de justificar suas ações divisionistas. No Brasil em 1979/81, citavam o grande mestre do proletariado, fora de tempo e de lugar, a fim de tentar confundir as fileiras comunistas. Mas Lênin foi o mais firme e consequente adversário das correntes desagregadoras no seio do Partido. Lutou intransigentemente em defesa da sua unidade, desmascarou os que, antes e depois da revolução na Rússia, iam de encontro aos princí -

continua na pág, 13

SAUDAÇÃO DO PC DOS OPERÁRIOS DA FRANÇA

Ao Comitê Central do
Partido Comunista do Brasil

Queridos camaradas

Por ocasião do 60º aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil e do 20º aniversário de sua reorganização marxista-leninista, enviamos ao Comitê Central e por seu intermédio a todos os membros do Partido nossas mais calorosas saudações. A história de vosso Partido é para todos os comunistas uma lição de coragem e de fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

Este ano de 1982 é também o ano em que foi convocado o Congresso do Partido, após um longo período de terror fascista que reinou no Brasil, impedindo a sua realização. Desejamos que esse Congresso - que se efetuará numa situação em que amadurece a crise revolucionária no Brasil - seja um sucesso para o vosso Partido; que ele permita dar passos adiante na realização dos ideais pelos quais os comunistas brasileiros lutam com heroísmo e fidelidade há sessenta anos.

Os comunistas franceses estão ao lado dos comunistas brasileiros na luta pela vitória da revolução e do socialismo, contra todos os traidores revisionistas.

Viva o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário!

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DOS OPERÁRIOS DA FRANÇA

continuação da pág. 12

pios essenciais da organização centralizada e democrática do proletariado revolucionário, qualquer que fosse o mérito de quem atacava essa unidade. As citações de Lênin feitas pelos fracionistas em distintos países, referem-se em geral ao período em que atuavam no partido russo duas tendências principais: os bolcheviques e os mencheviques, período no qual se impunham determinados métodos de luta interna. "O fracionismo é o traço distintivo principal do Partido Socialdemocrata (Comunista) - disse Lênin - numa época histórica determinada. Na que vai de 1903 a 1911" ("Acerca de uma violação da unidade"). Ora, querer transpor mecanicamente esse método de luta para a época atual é deturpar o pensamento do chefe do Partido Bolchevique, do criador da verdadeira teoria do partido revolucionário da classe operária.

Estamos certos de que o valoroso Partido Comunista (R) de Portugal, que conta em seu seio forte contingente proletário, derrotará ainda uma vez os fracionistas de direita. Os camaradas equivocados ou confusos face à posição aberta dos que querem destruir o Partido, certamente acabarão reconsiderando sua atitude e reforçando as fileiras do único partido que luta pelo autêntico socialismo em Portugal.

Longe de qualquer interferência na vida interna do Partido irmão, a quem cabe decidir de seu proprio destino, vejam os queridos camaradas nesta nossa mensagem o objetivo único de cumprir o nosso dever internacionalista em defesa dos princípios do marxismo-leninismo e da unidade inquebrantável do partido da classe operária, questão de interesse comum dos revolucionários de todos os países.

Saudações comunistas,

O CC DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

A SELVAGERIA IRANIANA DE KOMEINI

"Nós sabemos que o projeto do governo é matar sem fazer barulho a maioria dos prisioneiros políticos (40.000) para pôr fim a toda forma de luta democrática no Irã".

(Comunicado do Partido do Trabalho do Irã)

Hoje, todo mundo sabe que o governo de Komeini tem a intenção de matar a maior parte dos presos políticos. Ele persegue todos aqueles que figuravam nas listas elaboradas pela SAVAK do tempo do Xã.

90% dos agentes da SAVAK continuam em atividade.

A título de exemplo, informamos sobre a execução de três camaradas do Partido do Trabalho do Irã que eram prisioneiros e tinham sido condenados a 2 e 3 anos de cárcere. A notícia de suas execuções foi dada pelo jornal do governo "República Islâmica", em agosto de 1982, nestes termos:

"1) Yadolah Pahlavan, acusado de ser membro do partido marxista-leninista Tufan;
2) Bachram Razi, acusado de ser membro do Tufan;
3) Golam Reza Mohamed, acusado de ser membro do Tufan, que não reconhece a existência de Deus".

Com alguns outros simpatizantes eles foram condenados à morte e executados. O jornal TUFAN, órgão central do Partido do Trabalho do Irã, noticiou o fato em princípio de setembro. Diz o jornal:

"Estes camaradas foram vítimas durante todo o ano das torturas mais brutais. Partes de seus corpos foram queimadas. O objetivo dos carrascos era tentar utilizá-los como instrumento de propaganda, levando-os à televisão. Mas os três camaradas comportaram-se com heroísmo. Por esta razão, o governo acusou dois dentre eles de prosseguir suas atividades na prisão e de ter organizado os prisioneiros. A mãe de Yadolah Pahlavan, cujo filho mais velho, Asgar Pahlavan, fora executado sete meses antes, morreu de dor ao saber da execução de seu segundo filho".

Face a esse Comunicado do partido irmão, o Partido Comunista do Brasil manifesta sua solidariedade aos camaradas do Irã, que sofrem violenta repressão do governo ultra-reacionário de Komeini, inimigo das liberdades e do progresso social. Procurará divulgar a denúncia de mais esse crime monstruoso dos reacionários que se encontram no poder, depois da queda do Xã por uma revolução popular.

A Unidade de Aço Partido-Povo Vence os Inimigos do Socialismo

(Trechos dos discurso do camarada Enver Hoxha, primeiro secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, às vésperas das eleições para a 10ª Legislatura da Assembléia Popular da República Popular Socialista da Albânia, pronunciado perante os eleitores da Zona Eleitoral nº 210 de Tirana, em 10 de novembro de 1982.)

As novas eleições encontram a Albânia segura dos seus destinos, um país que se mantém firmemente sobre seus próprios pés, que tem uma clara perspectiva e o futuro garantido. Nunca, como hoje, o povo albanês esteve tão unido em torno dos seus interesses, dos seus pontos de vista políticos e ideológicos, das normas e dos comportamentos sociais. Esta unidade de aço, forjada pelo nosso Partido nas heróicas batalhas pela libertação da Pátria e nas grandes transformações socialistas, permanece hoje nos alicerces do poder popular, da liberdade e da independência da Pátria, tornando-os inabaláveis e invencíveis. Esta unidade é a grande força monolítica que enfrentou inimigos ferozes e transformou em pó e cinza as suas intrigas e conspirações.

Diante dessa unidade do Partido e do povo, também Mehmet Shehu, um dos mais perigosos traidores e inimigos da Albânia socialista, quebrou a cabeça. Várias vezes foi criticado pelo Partido, devido aos seus graves erros, mas conseguiu camuflar-se. Os documentos descobertos e provas irrefutáveis atestam que desde antes da guerra ele se havia colocado a serviço da espionagem norte-americana. Durante a guerra e após a libertação, combateu e atuou na Albânia como mercenário dos estrangeiros e sob as suas ordens. Quando participava da Primeira Brigada, foi recrutado também pelos serviços secretos Iugoslavos (a OZNA, hoje UDB) e posteriormente pela KGB soviética, aos quais serviu zelosamente. Seguindo as recomendações e instruções dos centros de espionagem externos, em particular da CIA e da UDB, o próprio Mehmet Shehu e o grupo de conspiradores a ele ligado, já entregues à Justiça, agiram para destruir o Partido e o poder popular e colocar a Albânia sob o jugo estrangeiro.

A fim de levar a cabo os planos banditescos e subversivos tramados pelos seus patrões de Washington, Belgrado e outros, Mehmet Shehu e seus acólitos preparavam-se para perpetrar graves crimes. Recebera da UDB iugoslava a ordem de assassinar o Primeiro Secretário do Comitê Central e outros dirigentes do Partido e do Estado, assim como de reprimir, através de medidas de terror, todos os que se levantassem contra esta grande traição. Se não conseguiram agir para realizar os seus desígnios criminosos, foi porque temiam o povo e o Partido, sua unidade de aço, que não permite a nenhum inimigo, por mais pérfido e astucioso que seja, dar sequer um passo. Mehmet Shehu nunca pôde fazer desviar e deturpar a linha do Partido, pois se o tentasse, teria sido imediatamente desmascarado.

Espremido entre dois fogos, a exigência da UDB, que via a terra arder sob seus pés em Kosova, e o medo da unidade do Partido e do povo, restou a Mehmet Shehu apenas a saída vergonhosa do suicídio.

A grande unidade do nosso povo emana da justa linha do Partido, que sempre encarnou e exprimiu as históricas aspirações das massas. O povo sonhava viver livre e independente no seu país, suprimir a exploração e a opressão social, ultrapassar o atraso secular. Queria a emancipação geral da sociedade albanesa, a libertação de todas as forças criativas, o livre desenvolvimento das capacidades e dos talentos contidos pelos regimes do passado. Desejava ser o dono de seu país e ter relações de igualdade com as demais nações.

Sob a direção do Partido, o nosso povo realizou plenamente estas aspirações. Elas se tornaram uma viva realidade, a qual vemos, tocamos e desfrutamos todos os dias. A Albânia Socialista é um país e um Estado completamente livre e independente, que nada deve a ninguém.